

Defesa contra Intervenção Simples em Naipes

por Álvaro Chaves Rosa

1. Introdução

A situação tratada neste artigo é uma das mais frequentemente encontradas à mesa. O parceiro abre em naipes e o adversário faz uma intervenção sem salto noutro naipes.

Naturalmente, muito já foi dito e escrito sobre este tema. Existem bons livros que o abordam com alguma profundidade, por exemplo o segundo volume do “*Défense et Contre-Attaque*” de Delmouly/Kerléro ou o “*Complete Guide to Contested Auctions*” de Mike Lawrence. Além de passar em revista os aspectos básicos, espero também contribuir para esclarecer alguns pontos mais obscuros, que mesmo a jogadores com uma certa experiência podem causar dificuldades.

Há alguns princípios gerais que regem a actuação do respondente à abertura. Uma questão essencial é a de saber até que ponto uma “voz livre”, dada voluntariamente sobre a intervenção, promete ou não uma força mínima superior à que seria prometida por uma resposta “equivalente” caso não tivesse havido intervenção. De um modo geral, a resposta é *sim*. Embora possam existir casos de excepção, de que adiante falaremos, pode dizer-se que há mãos com as quais o respondente *não passaria* a uma abertura do parceiro, mas que pela ocorrência da intervenção adversária são “obrigadas” a passar.

Em todo o caso, o estabelecimento dos limites mínimos expectáveis para cada tipo de voz *deve ser* um aspecto a debater previamente por uma parceria que se preze.

Vejamos só um exemplo. Com ♠D983 ♥V73 ♦R106 ♣1094, ouvimos o parceiro abrir em 1♣. A mão está pouco acima do limiar do passe, mas é “obrigatório” responder 1♠. (Com o V de copas a menos muitos jogadores já optariam por passar).

Mas suponhamos agora que sobre a abertura há uma intervenção em 1♦. As circunstâncias mudam. Já não há “obrigatoriedade” de falar, quanto mais não seja porque o parceiro *ainda tem voz*. A voz de 1♠ passa a ter o estatuto de uma “voz livre”, e como tal é *ligeiramente mais promissora* do que no silêncio adversário. Pode considerar-se como limite mínimo cerca de 8 pontos, ou valores distribucionais equivalentes. Promova-se o V de copas a rei e já a voz de 1♠ passa a ser inquestionável. Em alternativa, transfira-se o R de ouros para o naipes de espadas e, embora com os mesmos 6H, já se torna “razoável” dar 1♠ (alguns considerarão mesmo “obrigatório”).

A questão é semelhante no que se refere a dar 1ST, que deve prometer 8-10 pontos. Se a intervenção tiver sido em 1♠, dar 1ST com a mão acima é um *overbid*. Há que passar tranquilamente, sem qualquer receio de perder uma partida – o parceiro ainda está no posto.

Esta questão da força mínima prometida por uma voz livre está intimamente relacionada com o nível a que a intervenção adversária coloca o leilão. Mesmo restringindo a nossa análise às intervenções sem salto, há grandes diferenças entre os casos extremos de 1♣-1♦ e 1♠-2♥. No primeiro caso podemos anunciar qualquer dos naipes restantes ao nível

um; no segundo caso, já só o podemos fazer (seja naturalmente, seja por um dobre negativo) catapultando o leilão quase sempre para o nível 3. É óbvio que para isso necessitamos de valores suplementares.

Com ♠7 ♥R32 ♦D9653 ♣DV42, sobre a abertura em 1♠ do parceiro preparamo-nos para dar 1ST (quer se jogue forcing ou não) quando o adversário à direita entra em 2♥. Muitos jogadores utilizarão automaticamente o dobre negativo, como chamada para os menores, mas eu considero a mão ligeiramente *sub-mínima* para poder fazê-lo em segurança. Mude-se uma copa (ou um ouro) para o naipe de espadas e já o dobre “melhora”, pois aguenta mais tranquilamente passar a um eventual rebide de 2♠ pelo abridor. Por outro lado, trocando os naipes maiores e considerando o leilão 1♥-(1♠), já o dobre é inquestionável, pois permite responder em qualquer dos naipes ao nível dois (ou mesmo em 1ST).

Curiosamente, as condições mínimas para poder mostrar um novo naipe em “2 sobre 1” sobre uma intervenção podem ser menos restritivas do que no silêncio adverso. Mesmo quem jogue o “2 sobre 1 forcing de partida” sabe perfeitamente que no caso de haver intervenção o critério é diferente, já não se pode estar à espera de ter força de partida (face a uma abertura) para anunciar um novo naipe ao nível 2. Com ♠A54 ♥7 ♦RDV1062 ♣982, sobre abertura do parceiro em 1♥ a mão é insuficiente para dar 2♦ forcing de partida, logo o plano é começar por 1ST tencionando de seguida anunciar 3♦. Com uma intervenção em 2♣ a situação altera-se. Agora é essencial dar 2♦ quanto antes, forcing uma volta (por mão não passada) e prometendo um mínimo de cerca de 10H, e dando desde já uma boa descrição da mão ao parceiro, antes que o leilão se complique e nos volte ao nível de 3♣.

Indo mais longe: e se trocarmos o naipe de ouros com o de espadas? Agora temos uma mão que iria dar tranquilamente 1♠ se o adversário não tivesse vindo perturbar o leilão. Devemos dar 2♠? E, se o fizermos, continua a ser forcing *apenas uma volta*, embora seja uma voz “cara”, que não permite ao parceiro remarcar o seu naipe ao nível 2? Na minha opinião, sim. Há que mostrar a “essência” da mão a um nível ainda *relativamente* confortável, ainda que nalguns casos isso coloque ao abridor um problema de rebide difícil.

(Não irei abordar aqui a alternativa de jogar os chamados “*negative free bids*”, cujo princípio geral é o de considerar como *fracas* - e portanto *não forcing* - as vozes em novo naipe neste tipo de sequência).

O anúncio de um novo naipe *ao nível três*, como por exemplo na sequência 1♠-(2♦)-3♣, já tem que ser *na prática* considerado forcing de partida, pois o espaço de marcação não permite parar abaixo disso de forma inteligente. Nesta sequência, com uma mão como ♠9 ♥A43 ♦876 ♣RDV765, o respondente enfrenta uma decisão difícil. Se der 3♣ (a voz que “salta ao olhos”), mesmo que seja com a ideia (ou miragem...) de passar a um eventual rebide de 3♠, está a esticar a mão. Há que ter presente que o abridor com pega a ouros e uma abertura mínima pode ver-se forçado a rebidar 3ST, que grande parte das vezes estará condenado a cabidar. A verdade, há que reconhecê-lo, é que as alternativas a dar 3♣ também não são famosas. O *dobre negativo* (de que falaremos adiante), com a intenção de dar 3♣ (não forcing) na volta seguinte, nem sempre funcionará a contento (por exemplo, quando o abridor responder em copas a um nível

alto demais). Por outro lado, *passar* com 10 pontos e um bom naipe de seis cartas é demasiadamente conservador. (Feitas e refeitas as contas, eu por mim dou 3♣ e espero que corra bem).

Curiosamente a situação fica simplificada se a mão estiver *passada*, já que nesse caso uma voz como 3♣ é descritiva em termos de força e distribuição - e já nem sequer obriga o abridor a falar, se tiver uma abertura mínima. (Tudo isto, bem entendido, desde que uma mão como a deste exemplo não seja considerada “uma abertura” - questão que não é só de “estilo” mas também de sistema).

2. Os dobres negativos

Já há várias décadas que no bridge se “prescindiu” do dobre punitivo de uma intervenção simples em naipe. A utilização do dobre como uma voz de chamada é mais útil, por uma questão de frequência. É habitual designar por *negativos* os dobres deste tipo (designação a meu ver pouco feliz e propensa a mal-entendidos, mas adiante...).

O primeiro *dobre negativo* a surgir no bridge de competição recebeu a designação (entretanto algo caída em desuso) de *dobre Sputnik*, e dizia respeito a uma situação muito específica, a da intervenção em 1♠ sobre abertura em menor. O *Sputnik*, que entrou rapidamente nos costumes do bridge mundial, é usado para mostrar 4 cartas de copas, ou eventualmente mais do que 4 cartas mas nesse caso sem força suficiente para dizer 2♥.

Desde então houve uma tendência generalizada para tratar os dobres de intervenções em naipe como *negativos* por oposição a *punitivos* – e isto inclusive no caso de intervenções em salto, pelo menos até um certo nível. (Uma das cláusulas básicas do preenchimento de uma folha de convenções, hoje em dia, é precisamente *até que nível se utilizam dobres negativos*).

A utilidade principal deste tipo de dobres é possibilitar a descrição de mãos que, apesar de terem “algum jogo”, não são adequadamente descritas por uma voz em naipe, seja por número insuficiente de cartas ou por força insuficiente para dar voz em naipe ao nível imposto pela intervenção. No entanto, a verdade é que, mesmo no caso das intervenções da “gama baixa” (em 1♦ ou 1♥), que (quase) não impossibilitam o anúncio natural de novo naipe ao nível um, o bridge moderno acabou por adoptar o dobre como uma voz de chamada mais específica, permitindo diferenciar desde logo, nomeadamente, o número de cartas no(s) maior(es).

3. Casos particulares

O dobre da intervenção em 1♦ é actualmente usado pela maioria dos jogadores para mostrar 4 cartas de copas. A voz de 1♥ passa, neste contexto, a prometer 5 cartas ou mais. Por outro lado, a voz de 1♠ mantém o significado clássico, não prometendo nem negando mais de 4 cartas.

Analogamente, sobre a intervenção em 1♥ é habitual usar-se o dobre para mostrar 4 cartas de espadas, e 1♠ para mostrar 5 cartas ou mais. Ou seja, a voz no naipe “colado” mostra em ambos os casos 5 ou mais; com apenas 4 cartas, usa-se o dobre.

Os tratamentos acima referidos são os mais frequentemente encontrados entre os jogadores de competição; no entanto, não são universais, e não quero deixar de mencionar alternativas que também têm os seus adeptos. Entre os americanos é frequente jogar-se o dobre de 1♦ a mostrar 4 cartas em *ambos* os maiores.

Uma outra escola, de certo modo oposta às anteriores, advoga utilizar os dobres de 1♦ e 1♥ para mãos sem 4 cartas no(s) maior(es) não anunciado(s), nem fit no menor de abertura, mas cujo teor no naipe de intervenção é insuficiente para uma voz natural em sem trunfo. Neste contexto, o anúncio natural de um naipe maior não promete nem nega mais de 4 cartas.

Na minha opinião, todas estas soluções são razoáveis. Distinguir desde logo, em certos casos, entre 4 ou mais cartas no naipe maior pode ser essencial para uma correcta avaliação num leilão competitivo. (Isto embora actualmente muitos jogadores já adoptem o *dobre de apoio* para mostrar um apoio de 3 cartas pelo abridor no naipe do respondente).

Mas, por outro lado, há que reconhecer que certas mãos são problemáticas se quisermos restringir o uso do dobre negativo para mostrar exactamente 4 cartas (nem mais nem menos uma) no naipe “colado”. Com ♠A43 ♥1065 ♦R96 ♣D1074, que fazer sobre abertura em 1♦ e intervenção em 1♥? Se reservamos o dobre para mostrar 4 cartas de espadas, não há nenhuma voz que faça justiça à mão. O passe com 9H é demasiado conservador, 1ST mente quanto ao teor em copas e é anti-posicional, 2♣ mente quanto à força e ao comprimento do naipe, e 2♦ seria correcto em valores mas é falso quanto ao grau de fit. Troque-se o 3 de espadas pela dama ou rei e continua a não haver voz satisfatória.

Claro está que se reservarmos o dobre para este tipo de mão o problema está resolvido por natureza. Mas, por se tratar de um tipo de mão bastante específico e como tal pouco frequente, acho excessivo estar a limitar a utilização do dobre a um problema tão “minoritário”.

O que advogo é que se adopte alguma *flexibilidade* quanto ao que o dobre promete, ficando estabelecido que ele *quase sempre* mostra 4 cartas no maior aplicável, mas em casos como o do exemplo citado pode ter apenas 3. (Já agora compliquemos um pouco mais a questão: e com ♠A4 ♥8653 ♦R96 ♣D1074, que fazer sobre 1♦-1♥? Aqui confesso que, com apenas duas cartas de espadas, o dobre já ultrapassa os limites do razoável; eu optaria por dar 2♦, numa perspectiva de escolher o *mal menor* – mas também acho aceitável a opção de passar).

4. Resposta a um dobre negativo

A atitude do abridor em resposta a um dobre negativo obedece a princípios gerais de resposta a uma voz de chamada. A prioridade é mostrar o “apoio” no(s) naipe(s) mostrado(s) – ou pelo menos sugerido(s) – pelo parceiro. Quando ele não exista, procurar-se-á completar a descrição natural da mão. Em todos os casos, é necessário ajustar adequadamente o nível da resposta pela força da mão, sem deixar de ter em

conta os factores de avaliação ditados pelo leilão ocorrido. (Para simplificar, limitemo-nos a considerar os casos em que o parceiro do interveniente *passa*).

Começamos pelo caso de uma intervenção ao nível um. Um aspecto singular desta situação é encontrar-se disponível o rebide de 1ST. Eu advogo que nesta situação, tal como em diversas outras, a voz de 1ST possa ser dada *sem prometer pega no naipe adversário*, quando seja a melhor descrição da mão em termos quantitativos e distribucionais. Note-se que a voz *não é anti-posicional*, já que não “estraga” uma hipotética pega na mão do parceiro, que a existir já está de antemão bem colocada. (O que é essencial é o parceiro *saber* que a voz *não promete pega*, e como tal não apoiar em sem trunfo sem “ajuda” no naipe adversário, na falta da qual terá que passar por um *cue-bid* interrogativo).

Vejamos um exemplo. Abrimos em 1♣ com ♠865 ♥RV3 ♦A63 ♣AV94, e sobre uma intervenção em 1♠ o nosso parceiro faz um dobre *sputnik*. Eu recomendo a voz de 1ST, apesar das três espadas “invisíveis”. A alternativa de dar 2♥ apenas com 3 cartas pode parecer razoável à primeira vista, mas pensando bem não é a melhor opção, por várias razões:

- O parceiro geralmente não terá cinco copas; se as tiver é porque não teve força suficiente para dizer 2♥ (forcing), e nesse caso poderá tranquilamente desistir em 2♥ sobre o rebide de 1ST.
- Se tiver apenas 4 cartas, o contrato em fit 4-3 não se prevê fácil, com comprimento a espadas na mão curta a trunfo e a correspondente ameaça de encurtamento da mão longa.
- Muitas vezes 1ST será o contrato final, e pode ser um contrato razoável (ou até *bom*) mesmo que o adversário faça desfilar cinco vazas de espadas à cabeça.
- Além disso, considerar a eventualidade de o respondente nem sequer ter 4 cartas de copas, como visto anteriormente.

Se trocarmos os naipes maiores (♠RV3 ♥865 ♦A63 ♣AV94) e o naipe da intervenção, sendo agora a sequência 1♣-(1♥)-Dobro-(Passo), já o caso muda de figura, pois agora existe a possibilidade de marcar o naipe sugerido pelo parceiro *ao nível um*. Neste caso já me parece mais sensato dizer 1♠ do que 1ST. A mão continua a ser inapropriada para jogar em fit 4-3, mas ainda estamos a um nível baixo e se o leilão prosseguir há mais espaço de manobra para explorar contratos alternativos (inclusive sem trunfo).

Com uma abertura robusta, é necessário dar sinal de força. Tanto quanto possível, tratar-se-á simplesmente de fazer uma descrição natural *em salto*. Por exemplo, com ♠RV82 ♥A ♦D76 ♣AD754, após 1♣-(1♠)-Dobro-(Passo), parece-me razoável o rebide de 2ST (que mostra uma mão na zona da abertura de 1ST, que por razões distribucionais não escolheu essa abertura). A partir dos 17 pontos já se deve pensar em forçar partida, havendo a expectativa de a “voz livre” do parceiro prometer no mínimo uns 8 pontos (ou equivalente).

Com o mesmo leilão, se a mão do abridor for ♠V82 ♥AV ♦AD6 ♣AD1054, queremos jogar partida, e a denominação mais provável é sem trunfo. No entanto, o teor das espadas é insuficiente para marcar directamente 3ST. Marcar 3♣, voz encorajante mas não forcing, seria um *underbid* nesta sequência, além de sugerir maior comprimento no

naipe. A alternativa é “testar as águas” com um *cue-bid* em 2♠, em resposta ao qual o parceiro sabe que tem como prioridade marcar sem trunfo desde que tenha paragem no naipe adversário.

Quando a intervenção tiver sido ao nível dois, o espaço de marcação é mais reduzido, e por vezes não existe maneira conveniente de fazer uma descrição natural em salto. Por exemplo, com ♠AV1064 ♥8 ♦A7 ♣RDV95, se o leilão decorrer 1♠-(2♦)-Dobro-(Passo), “quantos paus” é que fazem justiça ao potencial da mão? 3♣ é uma voz sem salto, e portanto é a voz que teria de ser dada com uma abertura muito mais fraca (como por exemplo ♠AV1064 ♥82 ♦A7 ♣DV95); mas 4♣ tem o inconveniente óbvio de ultrapassar 3ST. Claro está que existe como reserva a hipótese de recorrer ao *cue-bid* em 3♦, mas não se tenha a ingenuidade de pensar que ele resolve o problema. Se ouvirmos 3♥ (voz mais provável), ficamos na volta seguinte com o dilema entre marcar 3ST (sem ter descrito bem a mão) ou 4♣ com o óbvio inconveniente já referido.

Há quem advogue utilizar, nesta situação, o rebide de 2ST como “tipo Lebensohl”, o que permitiria até certo ponto tornar mais fácil o tratamento de casos complicados como o referido (com a primeira mão dar-se-ia 3♣, construtivo mas não forcing, e com a segunda dar-se-ia 2ST na intenção de passar à voz de 3♣ que o parceiro é *convidado* a dar; v. artigo “*Lebensóis*” saído no nº 16 de “*Bridge Desportivo*”). Embora seguidor da tendência geral de “lebensolização” dos leilões competitivos (com 2ST a ser usado artificialmente em inúmeras situações competitivas), confesso que nesta situação particular não adopto este tratamento. O abridor terá muitas vezes uma abertura mínima com pega no naipe de intervenção que fica bem descrita por um 2ST natural e não forcing. Por outro lado, pode aceitar-se que a remarcação simples do maior de abertura não prometa rigorosamente 6 cartas, tendo que ser usada por vezes como *voz de recurso* perante alternativas imperfeitas. Por exemplo, com ♠ARD83 ♥654 ♦974 ♣R9, a seguir ao leilão 1♠-(2♥)-Dobro-(Passo), parece-me mais sensato rebidar 2♠ do que 3♦ (com três vis num naipe onde o parceiro não prometeu cinco cartas) ou 2ST (sem paragem a copas).

Pode haver “conversão” do dobre negativo? Quando é que o abridor pode encarar a alternativa de, passando, transformar o dobre em punitivo? *A priori*, a situação não é convidativa, pois os trunfos do flanco estão bem posicionados para o declarante. Ao nível um será raríssimo encarar esta possibilidade, não só por o nível ser mais baixo mas também porque dificilmente o abridor poderá ter um comprimento de mais de 4 cartas no naipe de intervenção. Ao nível dois, já é mais possível o interveniente ter tido a má sorte de acertar num naipe lateral quinto do abridor. Por exemplo, com ♠AV1064 ♥2 ♦A7 ♣DV985, se o leilão decorrer 1♠-(2♣)-Dobro-(Passo), a melhor opção é *passar*, seja qual for a vulnerabilidade, e em equipas ou em pares. Num dia (muito) mau vamos ver cumprir, mas seis vazas com o trunfo paus parecem de longe mais alcançáveis do que oito (ou mais...) noutra denominação qualquer.

5. O passe de emboscada

Ao “perdermos” o dobre punitivo, ficamos com o problema de *como punir o adversário* quando, por imprudência ou pouca sorte, este fez uma intervenção no nosso naipe longo. Com ♠RV9872 ♥8 ♦A53 ♣D107, ficamos surpreendidos por ouvir sobre 1♥ do parceiro o adversário da direita meter 1♠. Com qualquer vulnerabilidade, não restam

dúvidas de que o contrato de 1♠ dobrada é o que mais nos convém. Não tendo dobre punitivo, como iremos conseguir “agarrá-los”?

Para sermos realistas, há que começar por reconhecer um facto: é que, mesmo dispondo do dobre punitivo, não há garantia nenhuma de conseguir fixar o contrato em 1♠ dobrada. Por um lado, o adversário muito provavelmente terá um fit melhor num dos menores, embora já tenha que o jogar ao nível dois. Por outro lado, muitas vezes o parceiro, com uma mão distribucional com singleton ou chicana a espadas, não iria de qualquer modo “aguentar” um dobre punitivo de uma espada.

Em todo o caso, a única hipótese que resta ao respondente é “ficar amoitado”, isto é, utilizar o chamado “passe de emboscada”. Tem efectivamente que passar – e fazê-lo dentro de um tempo *normal*, para não transmitir informação não autorizada – na esperança de que o abridor reabra o leilão com um *dobre de chamada*. O respondente poderá então *transformar* esse dobre em punitivo, passando ao mesmo.

Há jogadores que atribuem tanta importância à eventualidade do “passe de emboscada” que jogam este passe como *forcing*, isto é, o abridor é *obrigado* a reabrir o leilão, e encorajado a fazê-lo por um dobre com qualquer mão com que não “fugisse” do contrato dobrado punitivamente pelo parceiro. Já tive ocasião de referir noutro artigo (“*Resposta a Intervenção Simples em Naipes*”) que discordo deste tratamento. O abridor *pode (e por vezes deve) passar* quando a sua mão indique, pelo teor no naipe da intervenção, que o parceiro *não deve ter* uma mão de dobre punitivo.

Com uma mão vulgar como ♠A5 ♥D84 ♦R1097 ♣A652, é um erro reabrir o leilão após ter aberto em 1♦ e o adversário da esquerda ter intervindo em 1♥. O parceiro não tem, com toda a probabilidade, um dobre punitivo de 1♥. Mais: mesmo que o tenha, não é garantido que o melhor não seja mesmo deixar jogar 1♥ simples, já que nesse caso é provável que o inimigo tenha uma boa fuga para um contrato em espadas. Por outro lado, que faremos quando o nosso parceiro responder ao dobre dando 1♠, resposta mais que provável, dada por uma mão com 4 espadas ou mais e bastante fraca (já que não teve força para um dobre negativo sobre 1♥)?

Outra questão essencial a considerar pelo respondente perante a eventualidade de “agarrar” o adversário num contrato dobrado é a da vulnerabilidade. Vermelho contra verde, com ♠A4 ♥AD74 ♦1083 ♣R10952, ouvimos o parceiro abrir em 1♠ e o adversário entrar em 2♥. Apetece obviamente jogar contra duas copas dobradas, mas será que podemos correr o risco de passar e esperar o dobre do parceiro? Se a tarifa for só a 50 o cabide não vamos enriquecer, com partida quase garantida na nossa linha. Por outro lado, e pensando agora mais em termos de torneio de pares, mesmo em 2♥ dobradas pode não haver mais que 3 cabides e obter-se um mau resultado com +500 em vez dos +600 ou +620 da partida vulnerável. Pesados os prós e os contras, é preferível apontar para jogar partida, seja marcando 3ST directamente, seja dando a voz descritiva e forcing de 3♣.

6. O “dois sobre um” competitivo

Já referi que os critérios para mostrar um novo naipe ao nível dois sobre a intervenção não devem ser demasiado restritivos num leilão competitivo como este. Normalmente

uma voz em “2 sobre 1” mostrará um mínimo de cerca de 10H (eventualmente menos, com comprimento extra), quer seja uma voz “económica” (como em 1♥-(1♠)-2♦) quer seja “cara” (como em 1♥-(2♣)-2♠), e é apenas forcing uma volta (e isto se a mão não estiver passada, caso contrário o abridor não é obrigado a falar).

É frequente haver desentendimentos sobre o significado dos rebides do abridor após uma sequência deste tipo. Em primeiro lugar, interessa esclarecer que são *não forcing* os seguintes rebides:

- a remarcação simples do naipe de abertura;
- 2ST;
- o apoio simples do naipe do respondente.

Se o abridor tiver uma mão com distribuição adequada mas com força demasiada para correr o risco de o parceiro passar, terá que anunciar a voz correspondente em salto, ou passar pelo *cue-bid* no naipe adversário. Por exemplo, com ♠A109 ♥AD74 ♦RD1085 ♣V, após 1♦-(1♥)-2♣-(Passo), apesar do misfit a paus há valores extra suficientes para marcar 3ST e não 2ST.

Uma questão algo obscura é, neste tipo de sequência, até que ponto é que a voz no último naipe (o único não falado) deve ser considerada como mostrando ou não valores extra, i.e., “força de inversa”, quando o leilão impossibilitou o seu anúncio a um nível económico. Na minha opinião, sempre que a voz no último naipe seja *mais económica* do que a remarcação do naipe de abertura, ela deve ser considerada não só como *não prometendo valores extra*, mas inclusivamente nem sequer garantindo a existência de um bicolor 5-4.

Vejamos uns exemplos. Com ♠RV84 ♥103 ♦ARV2 ♣976, que fazer após 1♦-(2♣)-2♥-(Passo)? A resposta lógica é: marcar 2♠. Apesar de ter uma abertura mínima e equilibrada, sem sequer cinco cartas de ouros, que outra voz descreve melhor a mão? Falta a pega a paus para dar sem trunfo, falta uma cartita de copas para dar o apoio (que, em todo o caso, seria a minha segunda escolha), pelo que é *essencial* existir o entendimento de que 2♠ não promete, efectivamente, mais do que um mínimo equilibrado com 4 cartas de espadas.

Outro exemplo: que fazer com ♠104 ♥D ♦RD1043 ♣A10652 após 1♦-(1♠)-2♥-(P), senão dar 3♣? A mão é mínima, bem entendido, e não melhorou nada com o leilão; mas como, para remarcar os ouros, também já teríamos que o fazer ao nível de 3♦, o lógico é também neste caso assumir que 3♣ (voz comparativamente económica) não mostra “força de inversa”.

Em todo o caso, a lógica dita que o respondente, após ter feito um “dois sobre um”, não possa *passar* a uma voz em novo naipe pelo abridor. Isto também implica que o abridor pode anunciar o seu segundo naipe mesmo com uma mão forte, sem receio de o parceiro passar e sem necessidade de inventar uma voz em salto ou passar por um *cue-bid*.

As vozes *não forcing* de que o respondente dispõe abaixo do nível de partida são:

- 2ST;

- a remarcação simples do seu naipe;
- a preferência ou apoio simples do (primeiro) naipe do abridor;
- o apoio simples do segundo naipe do abridor.

Note-se que, se o segundo naipe do abridor tiver sido mostrado ao nível 3, já não existem muitas hipóteses de parar o leilão antes de partida (ou de 4 num menor). Retomando o caso do último exemplo apresentado, após a sequência 1♦-(1♠)-2♥-(Passo)-3♣-(Passo), o respondente pode dar 3♦ ou 3♠ não forcing, mas não tem maneira de mostrar um fit a paus sem colocar o leilão ao nível de 3ST ou 4♣. Por exemplo, com ♠A65 ♥RV1087 ♦2 ♣DV84, fica na encruzilhada entre dar 3ST, ou 3♥, ou um apoio natural em paus, sendo nenhuma destas vozes satisfatória. *Apetece* passar a 3♣, mas não se pode esquecer que a voz de 3♣ não é esclarecedora quanto à força da mão do abridor, pelo que passar constituiria um *gambling* unilateral.

7. As vozes de apoio

O apoio simples do naipe de abertura é *normal*, mostrando aproximadamente o mesmo que a voz correspondente na ausência da intervenção. Simplesmente, o que pode acontecer nalguns casos é a intervenção sugerir a necessidade mais premente de mostrar o apoio em lugar de mostrar outro naipe. Por exemplo, com ♠83 ♥D1065 ♦RV76 ♣962, após 1♦-(1♠), a mão é fraca demais para um dobre “sputnik” - mas não é fraca demais para dizer 2♦. A voz não é perfeita, mas é preferível mostrar quanto antes o fit ao parceiro, em vez de ficar com uma sensação de “dever não cumprido” quando, como tantas vezes acontece, o leilão regressar ao nível de 2♠ ou mesmo 3♠.

Com mãos fitadas distribucionais, fracas em pontos de honra, não deve deixar-se de dar um *apoio em salto*, que, seja qual for a vulnerabilidade, é sempre uma voz com alguma função de *barragem*. Com ♠3 ♥V106 ♦RV874 ♣10953, após 1♦-(1♠), mesmo com vulnerabilidade desfavorável muitos jogadores não deixarão de dar 3♦. Não é uma voz de convite, é uma voz competitiva.

Com mãos fitadas mais fortes é necessário utilizar outros mecanismos, dos quais o principal é o *cue-bid* no naipe da intervenção, que mostra uma mão de apoio com força *pelo menos* de convite a partida. Robustecendo um pouco a mão anterior para ♠A ♥V106 ♦RV874 ♣D953, após 1♦-(1♠) a voz adequada é 2♠. Se em resposta o parceiro marcar um desencorajante 3♦, podemos passar com a consciência tranquila de já ter mostrado um fit com força de convite a partida. Se a mão for ainda mais forte (troque-se o 3 de paus pelo ás), o começo é o mesmo (*cue-bid* em 2♠), mas mesmo sobre uma voz mínima do parceiro já se terá que manter o leilão aberto (sendo que, neste caso, não me ocorre melhor voz do que continuar com um segundo *cue-bid* em 3♠).

O *cue-bid* deve ser reservado, nesta situação de leilão (abertura e intervenção em naipe), para as mãos *com fit no naipe do abridor*. E, como já referido, ele *a priori* não promete mais do que uma força de convite, pelo que *não é forcing de partida*. Convém esclarecer estes pontos, porque eles são contrários ao significado mais “tradicional” de um *cue-bid*, e portanto propensos à ocorrência de mal-entendidos.

As mãos fortes não fitadas podem *sempre* ser descritas por outra via, seja o anúncio natural de um naipe, seja o dobre negativo. Com ♠A ♥RDV4 ♦103 ♣AD10972, após o leilão 1♦-(1♠), a mão tem força mais que suficiente para começar por mostrar o naipe de paus (dizendo tranquilamente 2♣, que é forcing) e mais tarde as copas. Se acontecer uma barragem adversária em 3♠ não estamos pior colocados, pelo contrário, do que se tivéssemos começado por dobrar. Com uma mão mais balanceada, por exemplo ♠A92 ♥RDV4 ♦103 ♣AD107, a voz correcta a seguir à intervenção seria o *dobre*, que, em termos de força, é *ilimitado*.

No caso de uma abertura em naipe maior, *idealmente* o *cue-bid* deveria além disso ser reservado para as mãos com um fit de *pelo menos 4 cartas*. No entanto, nem sempre existe boa alternativa quando se tiver um fit de apenas 3 cartas. De qualquer modo, há que encarar a possibilidade de começar por um dobre negativo ou pelo anúncio natural de um naipe longo lateral. Com ♠873 ♥DV75 ♦AV8 ♣R54, a seguir a 1♠-(2♣), é preferível *dobrar* e, a menos que o rebide do abridor revele inequivocamente um fit a copas (o que um mero rebide de 2♥ em rigor não garante, note-se), apoiar as espadas na volta seguinte. Transfiram-se umas copas para os ouros, ♠873 ♥V7 ♦ADV85 ♣R54, e já é de encarar a voz natural de 2♦, com a intenção de dar o fit a espadas a seguir.

Importa salientar que estas opções de *diferir o apoio* não são isentas de riscos. Por um lado, o apoio diferido pode nalguns casos (quando não possa ser dado em salto) confundir-se com uma mera preferência (com um *doubleton*, e não com um fit de 3 cartas). Por outro lado, se houver apoio e/ou remarcação do naipe adversário, a voz pode voltar ao respondente a um nível em que tem de optar entre dobrar sem ter mostrado o fit, ou mostrá-lo correndo o risco de ir parar “alto demais”.

A questão complica-se ainda mais quando o respondente é uma mão passada. Se a abertura puder ter sido *sub-mínima* (i.e., com menos do que o valor normal de abertura), e se, para agravar a questão, ela puder ter sido feita num maior de 4 cartas, colocar o leilão ao nível 3 com um fit de apenas 3 cartas pode não ser boa opção. Por outro lado, a opção de ir marcando um naipe lateral em “2 sobre 1” na intenção de apoiar a seguir *já não existe*, pois o estatuto de mão passada confere à mudança de naipe o carácter de voz *não forcing* e como tal pelo menos sugestiva de misfit.

O julgamento sobre a melhor via para anunciar o fit deve ser feito caso a caso, tendo em consideração factores como a qualidade das três cartas de apoio e o comprimento no naipe adversário. Com ♠A3 ♥RV5 ♦108543 ♣R62 passamos em primeira posição e ouvimos o parceiro abrir em 1♥. Quando nos preparávamos para fazer tranquilamente um *Drury* (marcando 2♣ - v. artigo no número 22 de “*Bridge Desportivo*”), o adversário à nossa direita vem estragar a festa intervindo em 1♠. Como reagir? Eu recomendo 2♠, embora não seja uma voz “perfeita”. Mas ao menos temos 3 cartas boas e valor de corte na mão curta a trunfo, donde o contrato pode ser jogável mesmo face a uma sub-abertura com 4 cartas, como por exemplo ♠1065 ♥AD106 ♦A7 ♣V1073

A alternativa de dobrar, diferindo a declaração do fit, pode não correr como desejado, já que é previsível haver mais competição adversária em espadas. Se a seguir ao dobre o leilão decorrer (2♠)-Passo-(Passo) – hipótese muito provável – iremos de qualquer modo acabar por ter que dar 3♥; e se a fasquia já vier em 3♠, pior ainda: as opções serão dobrar sem nunca ter mostrado o fit a copas, ou marcar 4♥ “às cegas”.

A marcação directa de partida no naipe maior do abridor será sempre feita com uma mão distribucional fraca em pontos de figura, quase sempre com cinco trunfos. (Face a uma abertura em menor, o apoio ao nível quatro será raríssimo, mas em todo o caso será sempre também uma voz de barragem, nesse caso certamente com seis trunfos ou mais).

Com mão fitadas mais fortes, o respondente deve dar sinal dessa força. Para isso dispõe do já referido *cue-bid*, que *a priori* mostra apenas força de convite mas é *ilimitado* em termos de força – mesmo sobre uma desistência do abridor, o respondente pode continuar o leilão, seja fechando em partida, seja fazendo um esforço de cheleme via anúncio de controles. Com ♠1063 ♥AD96 ♦RD54 ♣R8, a seguir a 1♥-(1♠), é um erro marcar directamente 4♥ - a voz que se daria com uma mão muito diferente, como por exemplo ♠1063 ♥AD964 ♦10954 ♣8. Por um lado, a avaliação pelo abridor em termos construtivos é diferente; por outro lado, se houver mais competição adversária, é bom ter informado o parceiro de que se tem fit e “jogo”.

Não esquecer também a possibilidade de, em alternativa ao *cue-bid*, anunciar um *splinter*, através de uma voz em duplo salto, que mostra um singleton (ou chicana) no naipe em que é dada e um apoio de quatro cartas ou mais no naipe de abertura. Em particular, o *splinter* pode ser feito no próprio naipe da intervenção (sendo neste caso um *cue-bid* em salto). Por exemplo, com ♠4 ♥R1083 ♦AD53 ♣R986, a seguir ao leilão 1♥-(1♠) a melhor voz é 3♠.

8. Vozes em sem trunfo

As vozes em sem trunfo são naturais e, ressaltando o aspecto já focado de 1ST ter um limite inferior mais elevado, correspondem às zonas de força tradicionais: 2ST (com ou sem salto) é um convite não forcing com cerca de 11-12 pontos, 3ST mostra cerca de 13 a 15 pontos.

Quando a mão tiver a força e a(s) pega(s) adequadas para uma voz em sem trunfo, nem sempre isso implica que essa voz deva ser dada de imediato. Com quatro cartas em maior não anunciado, geralmente haverá interesse em investigar o eventual fit nesse naipe por intermédio de um dobre negativo, sendo o anúncio de sem trunfo diferido para a volta seguinte se entretanto o parceiro não “der o fit”. Por exemplo, com ♠A103 ♥R1053 ♦A985 ♣106, a seguir a 1♣-(1♠) seria demasiado unilateral marcar 2ST. Começemos por dobrar, ainda vamos a tempo de marcar sem trunfo se o parceiro não produzir uma voz em copas.

Com ♠AV3 ♥R10 ♦AD10985 ♣106, após o mesmo leilão, a opção coloca-se entre mostrar o naipe de ouros (dando 2♦) ou marcar directamente 3ST. A questão não é de sistema mas sim de tática. De um modo geral sou partidário de, neste tipo de situações, *descrever* a mão, mas não restem dúvidas de que há muitos bons jogadores que preferirão a tática da ocultação (principalmente em torneio de pares).

Outra razão para protelar o anúncio do “sem trunfo” pode ser um teor *duvidoso* no naipe da intervenção. Com ♠R73 ♥109 ♦AD105 ♣D1062, sobre o leilão 1♥-(1♠), o dobre negativo é preferível a 2ST não só porque descreve correctamente o comprimento nos menores, mas também porque preserva a hipótese de um eventual contrato em sem

trunfo ser marcado pelo abridor, onde mesmo um teor fraco como o valete à terceira sai posicionalmente reforçado.

9. “Very weak jump shift”

O que significa uma mudança de naipe com salto, nesta situação competitiva? Por exemplo, após 1♣-(1♥), com que tipo de mão é que se dá 2♠?

A tendência do bridge de competição é usar estas vozes como *vozes de barragem*. Elas mostram tipicamente um naipe de seis cartas - ou sete quando o salto é para o nível três, como na sequência 1♥-(1♠)-3♣ - e uma mão *fraca demais* para uma resposta natural e forcing, *sem salto*, no naipe anunciado.

Os limites de força deste tipo de voz são função das vulnerabilidades. Não vulnerável, a mão pode ser mesmo *muito fraca*. Por exemplo, com ♠DV10843 ♥97 ♦9764 ♣5, não vulnerável, sobre 1♣-(1♥) acho perfeitamente razoável dar 2♠. Quando se está vulnerável, a zona de força já pode se aproxima mais da de uma abertura em 2 fraco, digamos que a começar nos 6H. Em todo o caso, há que ter presente que marcar directamente em salto mostra uma mão *mais fraca* do que marcar duas vezes o naipe sem salto.

Há quem argumente que com este tipo de voz se está por vezes a *barrar o parceiro*. Isso pode ocasionalmente acontecer, mas a verdade é que, pesados os prós e os contras, acredito que *à la longue* estas vozes têm mais a ganhar do que a perder. Por um lado, há que reconhecer que, com um naipe razoável de seis ou mais cartas, *não apetece passar* – nem de imediato, nem mais tarde sobre uma voz adversária ao nível dois. E, para falar, mais vale fazê-lo agora, dando uma boa descrição da distribuição e da força da mão - e dificultando a vida *também* aos adversários.